

FOTO ETHAN PRODUCTIONS/LA REALIDAD



Um dos sobreviventes, Gustavo Zerbino volta ao local do acidente 34 anos depois: restos da fuselagem conservados pelo gelo

tes e pedir a eles que detalhassem eventos que, por distanciá-los brutalmente da sociedade, como se fosse um estigma, fizeram com que se automeassem Sociedade da Neve.

A denominação também intitula um belíssimo documentário dirigido por Gonzalo Arijón, de 2008; a fotografia, a cargo de César Charlone (*Cidade de Deus, O Banheiro do Papa*), incorpora a cor branca cegante como metáfora para uma experiência-limite que demarca o grupo de sobreviventes num espaço fronteiro entre o sublime, o abjeto e o demasiadamente humano.

‘A ideia que concebemos na montanha, de que usar os corpos era um ato de amor, enquanto ao mesmo tempo fazíamos um pacto de entregar o nosso próprio corpo’

Escrito com emoção contida, *A Sociedade da Neve* não recusa a sobriedade, porém tempera-a com um humor que surpreende. Embora multifacetada, a narrativa paradoxalmente torna ainda mais misterioso o ato que em princípio deveria revelar. Talvez porque, mesmo com plenas justificativas de quem o praticou, o ato canibal nunca terá explicação: “A ideia que concebemos na montanha, de que usar os corpos era um ato de amor, enquanto ao mesmo tempo fazíamos um pacto de entregar o nosso próprio corpo, isso eu disse e acreditei na hora, mas agora considero que não passava de uma racionalização. O mesmo acontece com o argumento religioso da comunhão, que eu mesmo sustentei. Não creio que ninguém tenha decidido comer ou não comer em virtude de um argumento tão racional. Era tudo mais básico e elementar, e naquela hora ou você comia ou morria. Tudo era mais instinto que intelecto. Quando se passa por situações tão primitivas, na hora da verdade a pessoa faz o que o estômago manda fazer — apesar de não ser muito heróico admitir isso”.

TRECHO

“Acredito que no fim estávamos mais próximos do macaco que do homem, com a única diferença de que éramos seres pensantes, e fundamentalmente com uma espiritualidade aguçada que se tornava cada vez mais sutil com o passar dos dias. Mas quanto ao funcionamento do grupo, para quem via de fora, éramos como uma tribo de macacos. Setenta e dois dias sem banho, sem tirar a roupa e comendo carne humana, que num primeiro momento era apenas um pedacinho, mas depois se transformou em uma ração de comida e mais à frente era apenas ossos descarnados jogados por lá e aí alguém aparecia e os guardava no bolso do casaco para depois comê-lo a chupá-lo diante dos demais. Mesmo as conversas eram como se supõe que aconteciam nas cavernas, uma troca de palavras em volume mínimo, muito pausada, quase murmurada. Talvez fosse uma adaptação do próprio corpo para poupar energia, ou então tínhamos recuado a estágios tão primitivos que de Homo sapiens nos transformamos em macacos pensantes.”

FOTO ETHAN PRODUCTIONS/LA REALIDAD



A volta à montanha, em 2006: Zerbino, Strauch, Sabella e Canessa

Novos em folha



GEOGRAFIA DO CAOS

Filósofo, matemático e historiador, o inglês Christopher Potter uniu as três disciplinas de modo poético para contar a história do universo em *Você Está Aqui* (Companhia das Letras) — o autor demonstra, por exemplo, como o funcionamento dos grandes aceleradores de partícula aproxima o minúsculo do incomensurável, demonstrando com rigor a máxima cabalística de Hermes Trismegistos: “Tudo o que está embaixo é como o que está no alto”.



PERAMBULAÇÃO INVISÍVEL

Um dos melhores — e mais ocultos — lançamentos do ano, *Silêncio em Siena* (7Letras) é a reunião das andanças do escritor gaúcho Flávio Wild por quinze cidades europeias. A bela edição contém fotos e design do próprio Wild, que aproxima seu olhar nada turístico das expressões artísticas de cada cidade, criando diálogos inusitados entre falso, verdadeiro, experiência e delírio, “descrevendo para confundir”, como prefacia o poeta Carpinejar.



MESTRE INÚTIL

“A última estrela que havia no céu/ deu pra desaparecer/ o mundo está sem estrela na testa/ Foi o vento quem embrulhou minhas palavras/ meteu no umbigo e levou pra namorada?” Incrível como, faltando pouco para chegar aos 100 anos, o poeta matogrossense Manoel de Barros ainda tem vigor para cavar estrelas no umbigo — nos inéditos *Poemas Concebidos Sem Pecado* (LeYa), ele diz, sem pudor, “que o escuro me ilumina”. Entendeu?